



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA– UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS - LIP**

**GLOSSÁRIO BILÍNGUE PORTUGUÊS – LIBRAS DE TERMOS DA
EXPOSIÇÃO EX ÁFRICA**

Douglas Ferreira da Silva

**Brasília
2019**

DOUGLAS FERREIRA DA SILVA

GLOSSÁRIO BILÍNGUE PORTUGUÊS – LIBRAS DE TERMOS DA EXPOSIÇÃO EX ÁFRICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, da Universidade de Brasília – UnB para obtenção do diploma de licenciatura do curso de graduação em Língua de Sinais Brasileira, Português como Segunda Língua, sob a orientação da Prof^a. Dr. Patricia Tuxi.

**Brasília
2019**

DEDICATÓRIA

A toda a comunidade surda, a comunidade de arte-educadores e mediadores culturais.

AGRADECIMENTOS

A todos os meus amigos, que me apoiaram e me encorajaram, quando eu pensei em desistir dessa missão.

À minha mãe que, mesmo distante, estava a me mandar forças para continuar.

À minha orientadora, Patricia Tuxi, minha gratidão pelas conversas amigáveis e pela paciência em me orientar para que esse trabalho fosse realizado, meu muitíssimo obrigado.

À Thi Moraes e ao André Justino por terem me ajudado a revisar esse trabalho diversas vezes, e pela paciência que tiveram comigo quando a ABNT parecia um monstro.

Ao Victor Zaiden, por ser o melhor historiador, crítico e curador de arte que já conheci. Pelas conversas e orientações sobre os assuntos artísticos que me eram desconhecidos.

Ao meu grande amigo Maycon Calasancio por ter proposto os sinais-termo que compõem esse trabalho. Sem a sua grande ajuda, nada disso teria acontecido.

À minha grande amiga Jennyfer, por ser a melhor intérprete de Libras desse DF na minha humilde opinião, pela ajuda, carinho e amor que sempre teve comigo.

À minha equipe de mediadores do CCBB-DF por serem tão gentis comigo, quando eu achava que o mundo ia desabar por conta desse trabalho.

À Tony Bezerra, por ter dado a última revisada nesse extenso trabalho, pelas palavras lindas de apoio, pelo carinho que sempre teve comigo, por ser um excelente namorado.

Enfim, obrigado a todos os envolvidos nessa tão pequena, mas importante fase da minha vida.

EPÍGRAFE

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.
Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!
A mãe que ouvira a brincadeira falou:
Já vem vocês com suas visões!
Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis e nem há pedras de sacristias por aqui.
Isso é traquinagem da sua imaginação.
O menino tinha no olhar um silêncio do chão e sua voz uma candura de Fontes.
O pai achava que a gente queria desver o mundo Para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta a solidão de uma pedra.
Eram novidades que os meninos criavam com suas palavras.
Manoel de Barros

RESUMO

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa da Lexicologia e Terminologia, apresenta como objeto de estudo os termos da Exposição Ex África do Centro Cultural do BANCO DO BRASIL e tem como objetivo criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, em Língua Portuguesa (LP) e Língua de Sinais Brasileira (LSB). Todo o trabalho está pautado na acessibilidade linguística, que é direito garantido pela Lei 10.436/2002 e pelo Decreto 5.626/2005, que assegura o acesso às informações em LSB. Uma das formas de operar esse direito é por meio da presença do tradutor e intérprete de língua de sinais, bem como de educadores e mediadores que conheçam as terminologias específicas utilizadas nesse contexto cultural. O estudo em curso tem como base a metodologia para elaboração de glossários bilíngues proposta por Tuxi (2017). O resultado da pesquisa é a apresentação de uma proposta de organização de verbete para consulta e formação dos tradutores e intérpretes, bem como de educadores e mediadores, alcançando o sujeito surdo visitante do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB.

Palavras-chave: Acessibilidade linguística; Glossário terminológico bilíngue; Espaços culturais; Língua de Sinais Brasileira; Exposição Ex África.

ABSTRACT

This work, which is part of the Lexicology and Terminology research line, presents the terms of the Ex Africa Exhibition as an object of study and aims to create a proposal for the organization and registration of a bilingual glossary, in Portuguese (LP) and Brazilian Signals Language (LSB). All this work is based on linguistic accessibility, which is a right established by the Law 10.436/2002 and the Decree 5.626/2005, which ensures access to information in LSB. One way to operate this right is through the presence of a sign language translator and interpreter, as well as educators and mediators who know the specific terminologies used in this cultural context. The current study is based on the methodology for creating bilingual glossaries proposed by Tuxi (2017). The result of the research is the presentation of a proposal for organizing entries for consultation and training of translators and interpreters, as well as educators and mediators, reaching the deaf visitor accessing the Banco do Brasil Cultural Center - CCBB.

Key Words: Linguistic accessibility; Bilingual terminological glossary; Cultural spaces; Brazilian Signals Language; Ex Africa Exhibition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modificação por aglutinação e incorporação do sinal-termo LETRAS-LIBRAS	19
Figura 2: Sinal de APRENDER E SÁBADO	21
Figura 3: Sinal de OUVIR e OUVINTE	24
Figura 4: Sinal de PALAVRA	25
Figura 5: Sinal-termo de MORFOLOGIA	25
Figura 6: Sinal-termo de COLÔNIA.....	26
Figura 7: Sinal-termo de COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO	26
Figura 8: Sinal-termo de COLÔNIA DE POVOAMENTO	27
Figura 9: Sinal-termo de CONQUISTA	27
Figura 10: Sinal-termo de OCUPAÇÃO.....	27
Figura 11: Dicionários de História da Arte	33
Figura 12: Ficha terminológica do termo Ex África	39
Figura 13: Verbetes Ex África	39
Figura 14: Apresentação do Glossário Bilíngue Português – Libras de Termos da Exposição Ex África.....	40
Figura 15: Macroestrutura do glossário apresentada em LP e LSB	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Unidade lexical “ACESSO” com variações morfossintáticas e diferentes acepções encontradas na língua.....	16
Quadro 2: Termos selecionados para compor o glossário	33
Quadro 3: Ficha Terminológica - Faulstich	34
Quadro 4: Ficha terminológica adaptada	35

LISTA DE ABREVISTURAS E SIGLAS

ASL: Língua de Sinais Americana

CCBB: Centro Cultural Banco do Brasil

CM: Configuração de Mão

ENM: Expressões não Manuais

FT: Ficha terminológica

LP: Língua Portuguesa

LSB: Língua de Sinais Brasileira

L1: Língua um

L2: Língua dois

M: Movimento

O: Orientação

PA: Ponto de Articulação

PSL: Português como Segunda Língua

TILS: Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

ULS: Unidades Lexicais Sinalizadas

UTS: Unidades Terminológicas Sinalizadas

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – A exposição Ex África.....	4
Capítulo 2 – Acessibilidade nas instituições artísticas e culturais	8
2.1. Acessibilidade linguística e informacional para a comunidade surda dentro das instituições artísticas e culturais	9
Capítulo 3 – Lexicologia e Terminologia	13
3.1. O que é língua comum e linguagem de especialidade?	14
3.2. A diferenciação entre Terminografia e Lexicografia	15
Capítulo 4 – A terminologia das línguas de sinais	18
4.1. A constituição do repertório lexical das línguas de sinais.....	19
4.2. Sinal e Sinal-termo	23
4.2.1 Derivação	24
4.2.2. Processo de Composição.....	27
4.2.3. Iconicidade	29
Capítulo 5 – Metodologia para a organização dos sinais-termo em par linguístico Português – Libras da exposição Ex África	30
5.1. Natureza da pesquisa.....	30
5.2. Definição do público-alvo e objetivo	31
5.3. Coleta e organização dos termos da exposição Ex África.....	32
5.4. Registro e validação dos sinais-termo do glossário bilíngue Português – Libras da exposição Ex África	36
CAPÍTULO 6- Apresentação do glossário bilíngue Português – Libras da Exposição Ex África	38
6.1. Apresentação dos elementos terminográficos em LP.....	38
6.2. Apresentação do verbete em Língua de Sinais Brasileira	40
6.3. A microestrutura do glossário	41
Considerações Finais.....	43
Referências	45

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso está fundamentado na linha de pesquisa da Lexicologia e Terminologia, tem como objeto de pesquisa os termos que compõe o léxico de especialidade da exposição Ex África, com o objetivo de organizar e registrar os termos da mostra de arte em um glossário bilíngue, Português – LP e a Língua de Sinais Brasileira – LSB.

A regulamentação e o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira ocorreram por meio da Lei 10.436/2002. Nesta, torna-se direito o acesso linguístico da comunidade surda em diversos espaços sociais, educacionais, políticos e culturais, utilizando-se da sua primeira língua (L1), ou seja, a Libras. Com os diversos desdobramentos dessa lei, principalmente dentro dos meios educacionais, nota-se o aumento de pesquisas voltadas para a pessoa surda, sua língua, instituições de ensino formal e informal bilíngues, e sobre os tradutores e intérpretes de língua de sinais (TILS).

Essas pesquisas passam a figurar nacionalmente dentro do meio acadêmico e refletem nas políticas públicas, como os trabalhos de Tuxi (2017), Felten (2016), Nascimento (2016), Faria-Nascimento (2016), Messias Costa (2012). Porém, dentro dos espaços culturais e artísticos nota-se uma demora no desenvolvimento de políticas linguísticas que atendam às necessidades da comunidade surda, e de suas especificidades comunicacionais. Este fato pode ser constatado inclusive pelo número escasso de pesquisas desenvolvidas dentro desta área.

Uma simples busca realizada em sites acadêmicos nos apresenta um número ainda incipiente de trabalhos que envolvam a Libras e acesso linguístico da comunidade surda em espaços culturais e artísticos. Sendo assim, algumas indagações podem ser feitas. Existe acessibilidade para a pessoa surda nos espaços culturais e artísticos? Esses espaços desenvolvem estratégias ou políticas linguísticas quando realizam exposições de arte e eventos culturais que possam vir a ter pessoas surdas como público? Existem materiais bilíngues, par linguístico Libras – Português, oferecidos em mostras de arte no Brasil? Qual a formação dos profissionais que atuam dentro desses espaços? Há na equipe de profissionais pessoas surdas ou ensurdecidas? Qual o conceito de acessibilidade adotado por essas instituições culturais e artísticas?

Na tentativa de responder alguns desses questionamentos, esta pesquisa tem como objetivo propor um modelo de material terminográfico bilíngue que sirva como um meio de acessibilidade linguística para a comunidade surda. Considerando que o

escopo da pesquisa é de um trabalho de conclusão de curso, optou-se por fazer um recorte sobre o tema da exposição de arte intitulada Ex África, apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, em Brasília, no ano de 2018.

Portanto, esta pesquisa propõe-se: i) descrever o Centro Cultural Banco do Brasil (Unidade Brasília – DF) e suas políticas de acessibilidade; ii) elaborar a proposta de glossário bilíngue que respeite a estrutura da Língua de Sinais Brasileira e do Português compondo assim o par linguístico entre as duas línguas. Como hipótese teórica, defende-se a necessidade da construção do sinal-termo a partir da compreensão de signo linguístico defendida por Tuxi (2017).

(...) o sinal-termo em LSB tem base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Portanto, o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. Para isso, consideramos como hipótese, que o sinal-termo resulta da elaboração do conceito do termo, que é organizado pela estrutura da definição do objeto (Ibid., p. 19).

Este pensamento conceitual é baseado no pressuposto da criação do sinal-termo que deve estar organizado nas seguintes categorias: i) iconicidade mental, proposto por Faulstich (2007); ii) representação processual e; iii) abstração conceitual, proposto por Tuxi (2017). Desta forma, seguindo os trabalhos desenvolvidos na área da Lexicologia e Terminologia das línguas de sinais, colabora-se para acessibilidade linguística em espaços culturais e artísticos, sendo a exposição Ex África o nosso ponto de partida para a elaboração de um glossário bilíngue par linguístico LP e LSB, que possa ser utilizado por um público-alvo que use a Libras como primeira ou segunda língua.

A motivação para a realização desta pesquisa é resultado da minha vivência como educador-estagiário no CCBB-DF, onde desempenhei mediações artísticas em Língua de Sinais Brasileira e em Língua Portuguesa. Outro ponto importante foi o contato com um educador surdo que trabalhava na mesma instituição e que tinha a Libras como sua primeira língua.

Essa intersecção vem de encontro com a minha formação no curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira, Português como Segunda Língua- (LSB/PSL) na Universidade de Brasília – UnB. Portanto, uma tecnologia como o glossário bilíngue pode ser um facilitador da compreensão das terminologias que estão presentes em exposições de artes visuais no Brasil, sendo acessível em duas línguas: Português e Libras.

A partir desta explanação sobre as ideias apresentadas na introdução, a presente pesquisa está dividida nos seguintes capítulos: i) apresentação da exposição Ex África; ii) discussão sobre acessibilidade em instituições culturais e artísticas; iii) discussão sobre a Lexicologia e Terminologia das línguas de Sinais; iv) a metodologia utilizada na pesquisa; v) apresentação de organização e registro dos sinais-termo dentro do glossário bilíngue da exposição Ex África; e por último as considerações finais.

Capítulo 1 – A exposição Ex África

O Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentaram a exposição Ex África: uma importante mostra de arte africana contemporânea. Em um momento que o valor da herança africana para muitas outras culturas está em voga, a exposição traz um panorama da produção artística mais recente feita em África, bem como possibilidades de reconhecimento da diversidade cultural e de se pensar nos efeitos e influências da arte produzida em outras partes do globo.

Ex África apresenta dezoito artistas africanos, com produção artística relevante na arte contemporânea. Esses artistas têm despertado grande atenção nos círculos artísticos internacionais, mas suas produções ainda são desconhecidas no Brasil. Dentro do grupo que integra a exposição estão presentes dois artistas afro-brasileiros: Arjan Martins e Danton Paula. Suas obras abordam a representação da negritude dentro do cenário artístico brasileiro.

A exposição está dividida em quatro eixos temáticos que, mesmo apresentados de forma distinta, constroem narrativas que se cruzam. Os eixos são: i) Ecos da História; ii) Corpos e Retratos; iii) O Drama Urbano e iv) Explosões Musicais. As obras que integram o eixo “Ecos da História” tratam de questões relacionadas à diáspora negra e do passado marcado pela escravidão das pessoas que foram retiradas do continente africano.

No eixo “Corpos e Retratos” são apresentadas fotografias e vídeos-instalações com a estética negra e a visão que o restante da sociedade tem sobre o que é África. Já no que concerne ao eixo temático “O Drama Urbano”, os artistas ficam a cargo de contextualizar por meio de obras visuais, como instalações, as questões relacionadas à desigualdade social e outros dramas vividos pelas pessoas negras na tentativa de denunciar as mazelas que foram causadas pela escravidão, sendo que esses problemas reverberam até hoje na sociedade contemporânea.

No eixo “Explosões Musicais” o que está em voga é o estilo original do pop nigeriano, conhecido também como Naija Pop. Esse tipo de estilo musical é apresentado no Clube Lagos que é uma sala expositiva com vídeo clipes onde a música é a obra de arte que influencia a produção musical fora da África, como o rap norte-americano.

A mostra inicia-se com uma apresentação histórica, utilizando-se da instalação da artista nigeriana Nididi Dike. Na obra encontram-se objetos expostos sobre uma mesa de madeira, objetos originais que remontam ao período do tráfico de negros para

serem escravizados nas colônias. Algemas, ferros de marcar a quente e outros instrumentos utilizados para tortura, bem como moedas e mandados de captura de pessoas escravizadas para serem leiloadas, são alguns dos recursos utilizados pela artista para contar um pouco sobre o doloroso processo de aprisionamento da população negra advinda do continente africano.

Ainda no início da exposição são apresentados cinco trípticos fotográficos feitos pelo fotógrafo Leonce Raphael Agbodjélou, onde a narrativa construída nos conta sobre os retornados, pessoas que conseguiram voltar para África e o *Code Noir*, sendo o segundo um decreto em que a França como responsável pela administração da colônia na África Ocidental regulamentava o horror da escravidão. Arjan Martin, que é um dos artistas afro-brasileiros, apresenta, por meio de pinturas em grande escala, a temática dos navios negreiros, onde negros faziam viagens para atravessar o oceano Atlântico até chegarem às Américas. A passagem feita por essas pessoas era conhecida como *Middle Passage* e era dentro desses navios de travessia que aconteciam alguns dos horrores sofridos pela população negra.

(...) como retratado por abolicionistas ingleses na representação esquemática do navio negreiro *Brookes*, repleto de carga humana, por outro, era também um sistema microcultura e micropolítica que traziam em seu ventre a esperança de um redentor regresso à África (Ex Africa, 2018, p. 17).

O segundo artista afro-brasileiro, Dalton Paula, apresenta, por meio de pinturas intituladas de *Ex-Votos*, a passagem anônima dessa população, relacionando a fé dos povos africanos que influenciaram e influenciam até hoje as religiões afro-brasileiras, uma relação de sincretismo entre os orixás vindos de África e os santos da igreja católica. Kudzanai Chiurai também se debruça sobre o tema da escravidão: suas fotografias levam o nome de *Genesis*, fazendo referência à narrativa bíblica que é voltada para África Central e Oriental do século XIX, onde expedições missionárias eram realizadas com a finalidade de substituir a escravidão pelo comércio e o cristianismo, uma figura conhecida dessas expedições era o missionário escocês David Livingstone, que é representado de forma quase teatral nas fotografias de Chiurai. O apagamento das identidades e das religiões africanas também estão representadas nas fotografias.

Dentro do eixo “O Drama Urbano” há artistas como Binelde Hyrcan, que utiliza de um vídeo arte para apresentar o mundo lúdico da infância. Em seu trabalho, o artista conta a narrativa construída por quatro garotos negros que estão brincando em uma

praia da Angola. Os garotos constroem uma limusine na areia para materializar o imaginário sobre as condições de uma boa vida. O que inicialmente parece ser uma brincadeira ingênua de criança logo se transforma em uma discussão amarga sobre desemprego, pobreza e migração, temas abordados pelos garotos durante a brincadeira de faz de conta.

Karo Akpokiere é um artista que usa o design gráfico para abordar questões de cunho político e religioso. Suas obras são construídas por meio da sátira e da ironia como uma maneira de denunciar a presença de grandes instituições religiosas ocidentais que estão ganhando espaço dentro do continente africano. Youssef Limoud e Ibrahim Mahama materializam, por meio de instalações distintas, a devastação das metrópoles africanas: os objetos que compõem as obras são encontrados na rua, uma mistura de caos e ruínas, que se constroem e se reconstroem dentro de uma arquitetura do impossível, remetendo aos desnivelamentos sociais ocorridos em África.

Dentro do eixo “Corpos e Retratos”, Omar Victor Diop, artista senegalense, faz uma série de autorretratos que nos leva a conhecer a tradição histórica da fotografia de estúdio na África Ocidental. Diop, no início de sua carreira, dedicava-se à fotografia de moda e publicidade, passando depois a ser reconhecido por seus outros trabalhos artísticos inspirados na pintura barroca do continente europeu. O artista retrata a presença e a atuação de homens negros africanos que viveram na Europa dos séculos XVI ao XIX. Diop se autoretra usando vestimentas parecidas com a desses homens, compondo figurinos esplêndidos, mixados com elementos do futebol, como apitos, bolas, chuteiras. Esse trabalho de mixagem faz uma referência ao universo do futebol. A provocação de Diop é a seguinte: onde estão e como são representados os negros da sociedade contemporânea?

Ainda dentro do eixo “Corpos e Retratos”, há fotografias de penteados criativos. Essas fotografias foram feitas pelo artista Oknai Ojeikere e nos mostra as narrativas históricas dos anos 60 do século XX, onde países africanos estavam começando a conquistar a independência. Ojeikere apresenta o impacto desse período, não apenas na área social e política, mas que afetou também a esfera da beleza feminina, onde as mulheres deixavam os padrões europeus de beleza para assumirem um novo tipo de *design* para seus cabelos e vestimentas.

Essa *hair do revolution* (revolução do penteado) constituiu um comentário estético impossível de ignorar no início da industrialização e no incipiente nation building. A nova técnica olow substituiu as perucas e os cabelos

alisados dos tempos coloniais, ajudando a promover uma nova autoestima (Ex África, 2018, p. 18).

Nota-se algo parecido na sociedade contemporânea brasileira: diversas mulheres têm passado por processos de transição capilar a fim de deixar naturais seus cabelos crespos ou cacheados, como forma de reconhecimento das identidades afro-brasileiras e na tentativa de romper com os padrões estéticos que durante anos foram impostos por uma indústria da beleza branca.

A mostra encerra-se com Clube Lagos, onde são apresentadas as modalidades do pop nigeriano por meio de vídeo clipes. Os ritmos produzidos pelo Naija pop buscam liberta-se dos padrões musicais da “música mundial”, criando identidades musicais próprias da Nigéria.

Capítulo 2 – Acessibilidade nas instituições artísticas e culturais

Segundo a Norma Brasileira de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas e Técnicas, ABNT-NBR 9050, “acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliário, equipamento urbano e elementos” (ABNT-NBR 9050, 2004, p.2).

O acesso é um direito para todos, devendo as instituições culturais pensarem em como o público visitante irá se apropriar desses espaços, conhecendo a diversidade das pessoas que os visitam. A gestão do espaço deve se responsabilizar por oferecer acessibilidade de forma plena. Portanto, acessibilidade segundo a norma citada, é o alcance, utilização, fruição, e vivência por qualquer pessoa, seja ela com ou sem deficiência.

As programações desses espaços devem estar adequadas para que todo o público visitante possa ter uma experiência satisfatória, e que isso seja oferecido por meio da visão, tato, da audição e mobilidade. Contudo, a acessibilidade não deve restringir-se apenas aos aspectos sensoriais e físicos, devendo se refletir sobre a temática de forma ampla, já que os estudos sobre a área têm tido um crescimento expressivo e quando pensa-se em acessibilidade nas instituições de cultura como museus, centros culturais e galerias de arte, deve-se pensar também no afeto.

(...) ter afeto pelo lugar representa experienciar impulsos nas ambiências para uma ação que leva a um sentimento de apropriação. Ser afetado por um lugar significa também viver memórias afetivas relacionadas com momentos dessa experiência. Afetar-se por um lugar passa a fazer parte de uma subjetiva experiência sensorial e emocional (COHEN E DUARTE, 2013, p.5).

Portanto, a afetividade tem relação direta com as peculiaridades físicas e sensoriais, podendo metamorfosear a relação entre o público que possui algum tipo de especificidade e a instituição cultural visitada. Trabalhando com a função afetiva dos espaços, a ação que vier a ser estabelecida entre público e a instituição será um facilitador para alterar as vivências individuais e compartilhadas de acordo com cada visitante.

Os locais de cultura que proporcionam um espaço acessível irão não apenas oportunizar conhecimento acerca de sua programação e exposições, mas irá criar

vínculos e apropriação cultural, ajudando na construção de identidades a partir desses lugares de conhecimento quando estes forem acessíveis.

Na próxima seção será discutido o que é acessibilidade linguística e informacional voltada aos ambientes culturais e como a comunidade surda pode usufruir desses locais a partir deste tipo de acessibilidade.

2.1. Acessibilidade linguística e informacional para a comunidade surda dentro das instituições artísticas e culturais

Nesta pesquisa a acessibilidade que se propõem é de cunho linguístico e informacional. Esse tipo de acessibilidade é de grande ajuda para um público específico, no caso pessoas surdas que desejam apropriar-se das terminologias comuns em exposições de arte, bem como de outros termos que estão dentro do campo semântico da mesma área.

Nota-se que as instituições culturais apresentam conhecimento incipiente sobre acessibilidade linguística e informacional no que diz respeito aos aspectos linguísticos da comunidade surda brasileira, principalmente devido à falta de recursos que possam oferecer esse tipo de alternativa acessível e interacional dentro de seus ambientes.

A partir desta problemática, a pesquisa tem como um de seus objetivos a elaboração de um material bilíngue e acessível em dois pares linguísticos LP - LSB, na tentativa de fornecer acessibilidade linguística e informacional aos surdos, ajudando na fruição, aprendizagem e conhecimento sobre a terminologia dentro de exposições de artes visuais e outras que circundam os espaços culturais.

Existem diversas possibilidades que esta pesquisa pode viabilizar na vida de uma pessoa surda que frequenta esses locais de cultura, além dos que foram citados no parágrafo anterior. Busca-se que a comunidade surda se sinta pertencente e participante dentro desses espaços. Para Castro Júnior & Prometi (2018),

(...) permitir o empoderamento das pessoas Surdas em sua primeira língua – LI – Libras, que é o assunto mais pautado nos últimos anos entre a comunidade acadêmica e a sociedade civil que precisa efetivar uma comunicação bilíngue e atender diferentes mecanismos legais como o decreto de nº 5.626 (CASTRO JÚNIOR e PROMETI, 2018, p. 3).

Esta participação e pertencimento que os autores intitulam de empoderamento que se dá por meio do decreto 5.626 só é possível se as instituições culturais se atentarem às especificidades linguísticas da comunidade surda.

Possibilitando o conhecimento do léxico terminológico da área de artes visuais dentro dos espaços culturais, ampliando o vocabulário das pessoas que usam a LSB como L1 e aqueles que a utilizam como Segunda Língua- L2, como os profissionais que atuam nessas instituições. Castro Júnior & Prometi (2018) também pontuam que:

As atividades de lazer e cultura, assim como qualquer outro setor de uma sociedade que defende a equiparação de oportunidade para todos, precisam ser adequadas às necessidades especiais de um expressivo número de pessoas com algum tipo de deficiência ou alguma especificidade, a fim de que todos tenham assistidos os seus direitos ao lazer e à qualidade de vida (ibid., p. 7).

Logo, a acessibilidade de cunho linguístico e informacional precisa estar em consonância com a pauta de uma educação bilíngue tanto no que tange aos ambientes de aprendizagem formal, a exemplo das escolas, quanto informal, como é o caso dos espaços culturais, que também colaboram para a formação e conhecimento de mundo e contribuem para a construção de identidades dentro da esfera artística e linguística dessas pessoas.

A falta de materiais bilíngues sobre exposições e outros assuntos do campo das artes, que utiliza a Língua de Sinais Brasileira, percebida pela visualidade espacial, não colabora para o conhecimento dessas pessoas e as suas necessidades culturais, de lazer, linguísticas, didáticas e psicológicas, entre outros. A fim de alcançar valores que possam contribuir para a inserção da comunidade surda dentro da sociedade, necessita-se preparar materiais que possam auxiliar na inserção desses sujeitos dentro das esferas elencadas anteriormente, buscando meios que sejam eficazes de acessibilidade para este grupo. A não acessibilidade linguística e informacional está ligada a outras barreiras, impossibilitando o acesso e fruição aos espaços culturais, por parte das pessoas surdas.

Elas são apresentadas por Sasaki (2009) como sendo barreiras atitudinais, comunicacionais, instrumentais e programáticas.

- I. Barreiras atitudinais na sociedade como um todo e, especialmente, em relação a profissionais com o poder de decisão política, mas ainda preconceituosos a respeito das pessoas com deficiência, e por isso deixam de abrir oportunidades de lazer para este segmento populacional;
- II. Barreiras comunicacionais adequação das sinalizações de locais (em atenção aos cegos e pessoas com baixa visão) e contratação de intérpretes da língua de sinais junto aos trabalhadores em serviços e locais de lazer;

- III. Barreiras instrumentais nos aparelhos, equipamentos, ferramentas e outros dispositivos que fazem parte dos locais de lazer. Tradicionalmente, os agentes de lazer ignoram as limitações físicas, sensoriais e mentais de algumas pessoas com deficiência.
- IV. Barreiras programáticas existentes nos decretos, leis, regulamentos, normas, políticas públicas e outras peças escritas, barreiras estas invisíveis, não explícitas, mas que, na prática, impedem ou dificultam, para certas pessoas, a utilização dos serviços de lazer (ibid., p. 3).

O que se busca nesse trabalho é tentar solucionar ou amenizar essas barreiras por meio da acessibilidade. Logo, deve-se não apenas inserir pessoas surdas nas atividades dos ambientes culturais, mas fazer com que as mesmas tenham atuação ativa dentro desses espaços, a partir de aspectos que não estejam ligados apenas à acessibilidade arquitetônica, tendo em vista que essa tem sido palco de diversas discussões e teorizações nos últimos anos. Sasaki (2009) diz que essas barreiras podem ser solucionadas das seguintes formas:

- i. Acessibilidade comunicacional: sem barreiras na comunicação interpessoal (face-a-face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual, e outros meios), na comunicação escrita (jornal, revista, livro, carta, apostilas, etc., incluindo textos em braile, textos com letras ampliadas para quem tem baixa visão, notebook e outras tecnologias assistivas para comunicar) e na comunicação virtual (acessibilidade digital).
- ii. Acessibilidade atitudinal: sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, como resultado de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral sobre a convivência na diversidade humana.
- iii. Acessibilidade instrumental: sem barreiras nos instrumentos e utensílios de estudo (lápis, caneta, transferidor, régua, teclado de computadores, materiais pedagógicos), de trabalho (ferramentas, máquinas, equipamentos), de atividades da vida diária (tecnologias assistivas para comunicar, fazer higiene pessoal, vestir, comer, andar, tomar banho, etc.), de lazer, esporte e recreação (dispositivos que atendam às limitações sensoriais, físicas e mentais, etc.).
- iv. Acessibilidade programática: sem barreiras invisíveis embutidas em políticas públicas (leis, decretos, portarias, resoluções, medidas provisórias etc.), em regulamentos (institucionais, escolares, empresariais, comunitários etc.) e em normas de um modo geral (ibid., p. 4).

A acessibilidade para a comunidade surda está diretamente ligada à questão comunicacional e atitudinal. Uma vez que essa acessibilidade nas duas esferas não existe, a pessoa surda acaba não tendo o acesso linguístico, comunicacional e informacional dentro das instituições de cultura.

Por conseguinte, compreende-se que surdos não acessam esses espaços por conta da barreira linguística que existe entre o Português e a Libras, comprometendo a entrada em ambiências sociais, como os espaços culturais. Uma das maneiras de sanar esse entrave é por meio da contratação de tradutores e intérpretes de língua de sinais devidamente capacitados, que possam atender as demandas linguísticas, comunicacionais e informacionais desse público.

Por meio da contextualização sobre os entraves que a comunidade surda enfrenta dentro das instituições de cultura, pode-se então pensar em formas de diminuir ou até mesmo, pensando de forma utópica, extinguir tais entraves. Para isso, é preciso reconhecer que as barreiras linguísticas e informacionais ainda estão presentes dentro desses locais, resultando na exclusão, no não pertencimento e na não construção identitária da pessoa surda quando ela tenta acessar os espaços culturais.

Capítulo 3 – Lexicologia e Terminologia

Existe certa semelhança entre as disciplinas Lexicologia e Terminologia, pois ambas têm o mesmo objeto de estudo que é o léxico. As áreas possuem vertentes teóricas e de uso, com a finalidade de elaborar dicionários. Todavia, as duas disciplinas são consideradas distintas, uma vez que a Lexicologia irá estudar o léxico comum da língua de determinada comunidade linguística e a Terminologia tem como objeto de estudo o léxico de especialidade, técnico e científico.

Cabré (1993) diz que as diferenciações entre Terminologia e Lexicologia se dão devido “*ao campo de trabalho, a unidade de base, aos objetivos aplicados e o método de trabalho*”. (CABRÉ, 1993, p. 86 apud MAIA-PIRES, 2009, p. 25). **O campo de trabalho** para a Lexicologia é todo o conjunto de palavras que fazem parte de uma determinada língua, ficando a cargo da disciplina a análise e descrição desse léxico. Para a Terminologia, o conjunto de palavras é mais restrito, tendo como foco os termos de uma área de especialidade.

Sobre **a unidade de base**, para a Lexicologia e a Terminologia é importante fazer a diferenciação. Para a primeira, o que se estuda é o léxico comum, como dito no parágrafo anterior, enquanto para a segunda o estudo será feito a partir do termo. Faz-se necessária a explicação sobre o que é léxico comum e o que é termo. Segundo Barros (2004) “*a unidade lexical é um signo linguístico, composto por expressões de conteúdo, que pertence a uma das grandes classes gramaticais*”. (BARROS, 2004, p. 40 apud MAIA-PIRES, 2009, p. 25), ou seja, as palavras comuns que aparecem no nosso dia-a-dia.

Interessante pensar que os termos são unidades lexicais que fazem parte da Lexicologia, ou seja palavras que estão presentes na língua do cotidiano, porém, quando empregadas em uma determinada disciplina, ciência ou área técnica passa a ser denominada de termo, por estar designando uma unidade micro que faz parte de uma unidade macro quando utilizada por especialistas, portanto, a unidade base da terminologia pode ser reconhecida pelo seu uso pragmático. Segundo Faulstich (1997), “*as unidades terminológicas assumem um caráter específico, delimitado justamente pelo subcódigo maior, fazendo uso de recursos deste código maior, mas também utilizando seus próprios recursos*” (Faulstich, 1997, apud MAIA-PIRES, 2009, p. 26).

Quanto aos **objetivos aplicados**, da Lexicologia e Terminologia, ambas são responsáveis por:

A Lexicologia estuda as palavras com o objetivo de averiguar competência lexical dos usuários de uma língua, que dizer, estuda o léxico dentro de um sistema linguístico, a língua comum. Já a Terminologia, estuda os termos a fim de estabelecer uma forma de referência para um conceito. Dito de outra forma, a Terminologia estuda os termos com vistas à normalização para melhor comunicação na linguagem de especialidade (Ibid, p., 26-27).

No que concerne ao **método de trabalho**, a Lexicologia “estabelece seu estudo com base em hipóteses, preestabelecidas de acordo com bases teóricas, que as aprovam ou rejeitam, e utiliza amostras de uma língua” (Ibid, p.27). Ou seja, a Lexicologia explica o comportamento do léxico utilizado na língua comum. Em terminologia, os recursos utilizados no método de trabalho é feito por meio de recursos disponíveis dentro da linguagem de especialidade, o que ajuda a conduzir o estudo, outra diferença é que a Terminologia, “não explica nenhum comportamento, na linguagem de especialidade, mas sim, busca denominações para conceitos previamente estabelecidos” (CABRÉ, 1993, p. 30 apud MAIA-PIRES, 2009, p. 27).

Fez-se necessária a contextualização entre as disciplinas Lexicologia e Terminologia, para que se pudesse entendê-las e distingui-las. Cada uma dessas tem objetos de estudo distintos, mesmo que cheguem a apresentar algumas semelhanças. Para Maia-Pires (2009), “*Lexicologia e Terminologia são disciplinas distintas, que se ocupam de objetos distintos e que, por sua vez, uma está relacionada a um código e a outra a um subcódigo, quer dizer, língua comum e linguagem de especialidade*” (Ibid., p.27).

3.1. O que é língua comum e linguagem de especialidade?

Para que se possa elaborar uma obra terminográfica ou lexicográfica, necessita-se distinguir o que é a língua comum e a linguagem de especialidade. Alguns teóricos usam as seguintes denominações: léxico comum e léxico de especialidade. Nas línguas de sinais as denominações adotadas são sinais, referente aos sinais de uso comum e aos sinais-termo, para a linguagem de especialidade das línguas de sinais.

A língua comum diz respeito ao conjunto de léxico geral de uma comunidade linguística. Dentro do conjunto maior representado pelo léxico geral (estrutura macro) encontram-se as palavras de especialidade (estrutura micro). Sendo assim, entende-se por léxico geral as palavras que são utilizadas na língua informal, usada nas relações do cotidiano, em contra partida, o conjunto de palavras da linguagem de especialidade diz respeito ao léxico formal, usado na comunicação de áreas específicas, tais como medicina, biologia, arte.

Nota-se que a distinção entre língua comum e linguagem de especialidade dá-se devido ao uso pragmático. Maia-Pires (2009) define que:

Na língua comum, as palavras são mais compreensíveis do que as unidades terminológicas para a maioria dos falantes da língua de referência. O léxico comum apresenta todas as categorias gramaticais, o que não ocorre na linguagem de especialidade, em que há a predominância de nomes. (Ibid., p. 28).

As estruturas morfológicas são compostas pelos usuários comuns da língua, porém as estruturas morfológicas da linguagem de especialidade normalmente são compostas por especialistas com um domínio particular de um saber específico. (Ibid., p. 29).

Quanto aos aspectos pragmáticos, na língua comum há uma temática variada, ela possui diferentes usuários e diversas situações comunicativas, enquanto na linguagem de especialidade a temática restringe-se a usuários que são especialistas de um saber próprio, diante da situação comunicativa distinta, usando-se de termos para informar e trocar informações objetivas de uma área do conhecimento. (Ibid., p. 29).

Feita a distinção entre língua comum e linguagem de especialidade, nota-se que a aplicabilidade de cada uma também é diferente. Mesmo que possuam como finalidade a elaboração de obras como dicionários e glossários, o uso que se faz desse tipo de material também não será o mesmo.

3.2. A diferenciação entre Terminografia e Lexicografia

A Terminografia preocupa-se com a criação de dicionários e glossários de uma determinada área de especialidade, com a finalidade de normalizar o léxico utilizado nessa área, mais conhecido como termo, a fim de facilitar a comunicação e a compreensão dos usuários que venham a fazer uso desse tipo de obra.

A Lexicografia tem como objetivo a elaboração de dicionários onde o léxico apresentado é de uso comum ou informal. Ambas as áreas se atentam à análise e descrição para elaboração desse material. Segundo Pavel & Nolet (2002), a Terminografia e a Lexicografia são diferenciadas da seguinte forma:

Lexicografia: Técnica de elaborar dicionários, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular.

Lexicografia especializada: Lexicografia que estuda a terminologia de uma língua de especialidade (Ibid., p. 124).

Para os autores a diferença dá-se pela denominação adotada, embora outros estudiosos da área usem Terminografia para referirem-se a Lexicografia de especialidade. Nas obras terminográficas encontram-se os termos registrados de acordo com a sua área de especialidade. Em obras lexicográficas, o léxico é registrado da seguinte forma.

Segundo Maia-Pires (2009), “nas obras lexicográficas, estão registradas as unidades lexicais com variações morfossintáticas e diferentes acepções encontradas na língua”. Para esclarecer, a autora utiliza-se do seguinte quadro com o verbete *acesso*, tanto em uma obra lexicográfica, quanto na terminográfica. Nota-se que a palavra *acesso* dentro do léxico comum apresenta diversas acepções, enquanto na linguagem de especialidade a mesma palavra restringe-se apenas a área de único domínio.

Quadro 1: Unidade lexical “ACESSO” com variações morfossintáticas e diferentes acepções encontradas na língua

ACESSO	ACESSO
<p>substantivo masculino</p> <p>1 ato de ingressar; entrada, ingresso Ex.: o a. ao parque é livre</p> <p>2 possibilidade de chegar a; aproximação, chegada Ex.: local de difícil a.</p> <p>3 circulação, fluência (de pessoas, veículos etc.); trânsito, passagem Ex.: neste túnel, é proibido o a. de caminhões</p> <p>4 possibilidade de alcançar (algo difícil) Ex.: poucos têm a. ao saber</p> <p>5 comportamento, comunicação social; trato Ex.: pessoa de fácil a.</p> <p>6 ataque repentino, manifestação súbita; crise Ex.: <a. de tosse> <a. de ódio></p> <p>7 Rubrica: informática. possibilidade de comunicar-se com um dispositivo, meio de armazenamento, unidade de rede, memória, registro, arquivo etc., visando receber ou fornecer dados</p> <p>8 Rubrica: termo jurídico. Diacronismo: obsoleto. forma de promoção ou elevação a posto superior</p>	<p>1. Trecho de via que leva a determinado local ou área.</p> <p>2. Entrada ou saída de uma via ou intercessão.</p> <p>3. Via que parte de uma rodovia e leva a uma cidade.</p>
<p>(de funcionário público), extinta pela Constituição de 1988 Ex.: a. ao cargo de ministro</p> <p>9 Rubrica: medicina. manifestação súbita, freq. violenta e de curta duração, de um fenômeno patológico</p>	

Fonte: MAIA-PIRES, 2009, p. 30-31

Sendo assim, para que a obra lexicográfica ou terminográfica seja elaborada, ela precisa passar por determinadas etapas, onde os critérios da primeira são fixos, ao passo que na Terminografia pode-se descartar ou não alguns desses critérios.

Como a Terminografia irá fazer uso do léxico de especialidade, ela precisa buscar como fonte de pesquisa documentos que substancializem a temática que está sendo tratada no dicionário ou glossário. Esses documentos devem ser de cunho técnico, onde os termos selecionados irão conter informações para a composição dos conceitos empregados ao léxico de especialidade.

Já na Lexicografia, o autor da obra pode averiguar seus dados em diversas fontes, utilizando-se do processo de inventariar as palavras que compõem o seu corpus. Verificando-se os significados que estão atrelados às palavras, bem como o seu uso, podendo ser apresentada em mais de uma área do conhecimento.

Outro ponto distinto entre Lexicografia e Terminografia se refere ao processo do trabalho. Na primeira, o lexicógrafo utiliza um processo semasiológico para descrevê-las, ou seja, com base em uma lista de palavras inventariadas verifica o seu significado. Em Terminologia, o terminólogo parte de uma lista de conceitos de uma área de especialidade e depois busca denominações que substancializem seus conceitos. Esse é um processo onomasiológico e, por isso, muitas vezes faz-se necessária a utilização de mapas conceituais entre um conceito e outro para a elaboração, a denominação e a descrição dos termos (Ibid., p. 31).

Segundo Pavel & Nolet (2002, p.125) “*Trabalho terminológico. Trabalho sistemático de recolha, descrição, processamento e apresentação de conceitos e suas designações, com o objetivo de documentar e promover o uso correto do termo*”.

O responsável deverá adotar critérios de seleção e normas para que a obra seja elaborada, respeitando todos os princípios técnicos e teóricos de ambas as áreas que são determinados e imprescindíveis para esse tipo de trabalho.

Neste capítulo buscou-se contextualizar o leitor acerca das características e conceitos que fazem parte de um trabalho lexicográfico e terminográfico, bem como a elaboração de obras de mesmo cunho, seus *processos* e definições sobre as disciplinas Lexicologia e Terminologia.

Capítulo 4 – A terminologia das línguas de sinais

Neste capítulo, será abordada a questão dos estudos terminológicos acerca das línguas de sinais, em especial a Língua de Sinais Brasileira – LSB. Dentro do ambiente acadêmico, trabalhos estão sendo desenvolvidos na área da Terminologia da LSB. Segundo TUXI (2017).

“Os estudos do Léxico e da Terminologia na Língua de Sinais Brasileira configuram um novo paradigma de cunho teórico de organização no meio acadêmico. Essa mudança resulta da necessidade que a LSB tem em ocupar um lugar de língua de comunicação e de interação”. (TUXI, 2017, p. 30).

Nota-se que existe um crescente número de trabalhos sendo realizados na área da Terminologia da LSB. Isso ocorre devido à necessidade de que a expansão do léxico da língua esteja em consonância com as linguagens de especialidade. A autora também elenca outros fatores que corroboram e fortalecem o crescimento destas pesquisas.

I) Reflexo da política linguística da língua de sinais no Brasil, que está em constante movimento de validação social; II) constatação pela comunidade surda da lacuna lexical e terminológica no âmbito do discurso comum e de especialidade em Libras, principalmente nos espaços acadêmicos; III) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área da Lexicologia e Terminologia (Ibid., p. 1).

Assim, é preciso se ater aos estudos sobre a elaboração de obras lexicográficas e terminográficas da LSB¹, em especial ao léxico de especialidade, onde a nomenclatura utilizada pelos pesquisadores da área é o “termo”. No caso da Língua de Sinais Brasileira utiliza-se “sinal-termo”.

Os estudos em Terminologia das línguas de sinais possuem como premissa a análise, descrição e criação de novas unidades terminológicas sinalizadas – **Uts**, buscando investigar e aprimorar o léxico da língua, que precisa estar de acordo com as regras que tangem a morfologia da LSB, bem como a semântica e pragmática dessas novas unidades voltadas para as linguagens de especialidade.

Nos estudos de Felten (2016), “todo o processo de formação de novas unidades lexicais – **Uls** é compreendido como neologia”. Ao resultado deste processo de elaboração de um novo termo ou sinal-termo dá-se o nome de neologismo.

Para Pavel e Nolet, neologismo é “termo novo ou que recebeu um novo significado” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 125). Portanto, nas línguas de sinais, sinais-

¹ Reiterando que os avanços linguísticos desenvolvidos são importantes para o reconhecimento da LSB enquanto uma das línguas oficiais do Brasil, estando esse desenvolvimento atrelado às características que constituem a identidade da comunidade surda brasileira.

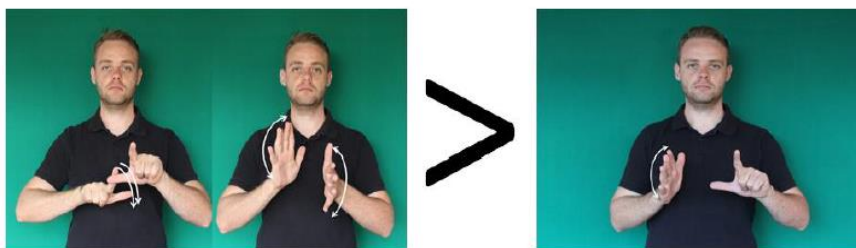
termo estão sendo criados para fazerem parte do léxico de especialidade, bem como a ressignificação daqueles que já existem, quando empregados no conjunto terminológico de uma determinada área.

BASTUJI (1974) defende que a neologia constitui uma criatividade pautada em regras e ao mesmo tempo uma criatividade que muda as regras, pois os sinais-termo desenvolvidos para este estudo compreendem, na verdade, Uts intermediárias, uma vez que foram estruturadas pelo processo neológico laboratorial (BASTUJI, 1974 apud FELTEN, 2016, p. 94).

Felten ainda salienta as unidades terminológicas sinalizadas que, uma vez criadas, podem sofrer algum tipo de mudança no seu processo neológico. O autor utiliza como exemplo o sinal-termo do curso de graduação Letras-Libras. Essa mudança morfológica deu-se devido ao conforto linguístico, uma vez que os estudantes do curso passaram a usar o sinal criado.

O sinal modificado em questão, apresentado abaixo, sofreu o que é conhecido como processo de combinação de aglutinação e incorporação, modificando-o por meio da composição do sinal de “letras”, mais o sinal de “Libras”, sendo que outras informações são inseridas por meio da incorporação, como o movimento produzido pelo sinalizante.

Figura 1: Modificação por aglutinação e incorporação do sinal-termo LETRAS-LIBRAS



Fonte: FELTEN, 2016, p. 94

Em resumo, pode se concluir que se fazem relevantes os estudos que estão sendo desenvolvidos na Terminologia das línguas de sinais com a finalidade de analisar, descrever, criar e registrar o léxico de especialidade das línguas de modalidade visual-espacial.

4.1. A constituição do repertório lexical das línguas de sinais

As unidades lexicais são importantes para a interação social, tendo em vista que é por meio da língua que é feita a troca de informações. Dentro das línguas de sinais, a

troca informacional e a percepção da realidade dão-se por meio da comunicação visual-motora, onde as unidades lexicais são produzidas por meio das mãos. Logo, a constituição lexical será feita de forma distinta das línguas orais, nas palavras de Tuxi (2017).

(...) é por meio da língua que ocorrem os processos de troca de informações no mundo. A LSB, apesar de não ser comum a todos os falantes brasileiros, é uma língua de modalidade visual e espacial que permite a um grupo determinado e minoritário de pessoas participarem, conceber e realizar os processos de interação no meio social em que se encontram (TUXI, 2017, p. 45).

Portanto, deve-se ater à constituição do léxico em LSB, analisando a sua aplicabilidade no meio social e específico de uso. O conjunto de palavras e termos de uma língua representam os conceitos das coisas, por consequência de este estar ligado ao social de uma comunidade de falantes.

Isto é importante para que o terminólogo possa postular suas teorias acerca da construção de um grupo de palavras ou, se tratando das línguas de sinais, um grupo de sinais, apresentando seus respectivos significados e suas propriedades gramaticais que colaboram para a construção lexical da língua. Outro aspecto importante no que tange à constituição lexical das línguas de sinais diz respeito à abstração conceitual. Tuxi (2017) discorre sobre a questão da abstração conceitual em sua tese de doutorado, argumentando que ela tem a seguinte função:

(...) representar conceitos pertinentes aos meios sociais e culturais. Isso possibilita a elucidação das escolhas, bem como as formulações lexicais advindas do processo linguístico que organiza a comunicação e as trocas nesses meios. Além disso, o léxico não é uma unidade lexical isolada de valor individual, mas está ligado à gramática na constituição de uma língua e, por isso, possui propriedades fortemente determinadas ou motivadas (Ibid., p. 46).

Por conseguinte, estamos de acordo quando a autora escreve em seu trabalho que os sinais que constituem o léxico da LSB não possuem uma estrutura isolada, mas sim uma base gramatical que permite à língua criar novas estruturas, a partir de regras, sejam elas morfológicas, fonológicas, semânticas ou pragmáticas.

Sendo assim, todas as línguas dispõem de um fundo lexical, onde se considera que os falantes não conhecem os sinais apenas de forma separada, mas também as combinações que podem existir.

A constituição dos sinais que compõem o fundo lexical das línguas de sinais pode ser analisada separadamente, onde parâmetros de constituição dão base

morfológica ao léxico. Os parâmetros são: configuração de mão (CM); movimento (M); ponto de articulação (PA), sendo que estes são os constituintes primários propostos por Stokoe (1960).

Stokoe (1960) realizou uma primeira descrição estrutural da ASL, demonstrando que os sinais podem ser vistos como composicionais e não-holísticos, e que os sinais apresentam uma estrutura dual, isto é, podem ser analisados em termos de um conjunto de propriedade distintivas (sem significado) e de regras que manipulam tais propriedades (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 48).

Devido aos avanços nas pesquisas na Língua de Sinais Americana – ASL, outras línguas de sinais passaram a ser analisadas dentro da linguística. Esses avanços foram importantes para que novos parâmetros fossem propostos, como a orientação da mão (OR) e as expressões não manuais (ENM), que dizem respeito às expressões faciais e corporais (BATTISON, 1974, 1978 apud QUADROS & KARNOPP, 2004).

Estes elementos distintivos básicos pautados pela fonologia dos sinais, nos ajuda na análise e descrição das unidades lexicais sinalizadas e como elas se diferem. Exemplo, os sinais de “aprender e sábado”.

Figura 2: Sinal de APRENDER E SÁBADO



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 53

Outros componentes igualmente importantes são empregados na análise e descrição das unidades lexicais, são eles: i) classificadores; ii) empréstimos linguísticos iii) elementos prototípicos; e iv) morfema-base. Estes componentes corroboram na substancialização do fundo lexical das línguas de sinais, conhecido como *léxicon*.

Para Faria-Nascimento (2009), “esses constituintes combinam-se entre si num processo de atualização e enriquecimento das línguas, organizam-se de forma a aceitarem ou a rejeitarem a proposição de um vocábulo novo”. (FARIA-NASCIMENTO, 2009 p. 110). Desse modo, o léxicon das línguas de sinais é

constituído além dos elementos fonológicos, compondo-se de outras características que ajudam a construir novas unidades lexicais e terminológicas.

i) Configuração de mão (CM): são as formas que as mãos assumem quando o sinal irá ser produzido. Essas formas podem partir das configurações assumidas no ato de realizar a datilologia (alfabeto manual) ou assumir outras formas de acordo com a mão dominante da pessoa que está sinalizando. FARIA-NASCIMENTO registrou 75 destas configurações.

ii) Movimento (M): o movimento é um dos parâmetros que constitui um determinado sinal, podendo apresentar uma diversidade de direções, como o movimento produzido internamente na mão, de pulso, e no espaço de sinalização.

iii) Ponto de articulação (PA), ou, Localização (L); é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região (cabeça, cintura, ombros). (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 37).

iv) Orientação da mão (OR): diz respeito, à direção que a palma da mão assume na produção do sinal. As línguas de sinais representam pares mínimos e por consequência, quando um sinal apresenta uma orientação de mão distinta a mesma pode modificar o significado do sinal. Segundo FERREIRA- BRITO (1995), enumera seis tipos de orientações da palma da mão na Língua de Sinais Brasileira: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para direita ou para a esquerda.

v) Expressões não manuais (ENM): o movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, presta-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 60).

vi) Classificadores: são constituídos usados para representar a forma e o tamanho dos referentes, que podem ser animados ou inanimados. Trazem consigo expressões de número, volume, tamanho, quantidade. Em LS, eles são usados para descrever ideias para as quais não há sistemas específicos, principalmente em substituição a uma palavra que não possui um referente em LSB. (BERNANDINO, 2000, p. 95 apud TUXI, 2017, p. 48).

vii) Elementos prototípicos: correspondem a unidades lexicais sinalizadas. Elas são consideradas de grande valor na representação de determinada categoria. (TUXI, 2017, p. 48).

viii) Morfema-base: morfema-base são constituídos de alguns sinais, ou parte de sinais, que têm a função de base para a criação de diversas palavras e têm demonstrado serem elementos constituintes produtivos na construção de sinais nas áreas de especialidade. (NASCIMENTO, 2016, p. 27).

Realizar a análise desses constituintes nos ajuda no entendimento de como se dá a organização do fundo lexical das línguas de sinais, apresentado também como *léxicon*, criando unidades lexicais ou terminológicas a partir de todas as formas linguísticas que são conhecidas pelo usuário das línguas de sinais.

4.2. Sinal e Sinal-termo

Nesta seção, tratar-se-á da diferença entre sinal e sinal-termo dentro da língua comum e da linguagem de especialidade da Língua de Sinais Brasileira, tendo como referencial teórico a proposta conceitual de Faulstich (2012), onde a autora discute a formação lexical da LSB a partir dos seus constituintes morfológicos. A definição que Pavel e Nolet (2002) trazem sobre o que é termo:

***Termo.** Palavra (termo simples), grupo de palavras (termo composto), sintagma, símbolo ou fórmula que designam um conceito de uma área específica. Também **unidade terminológica** (Ibid., p.131).*

Para (KRIEGER, 2001 apud TUXI, 2017, p.50) “termo é uma unidade lexical especializada de uma determinada área técnica ou científica que tem como objeto Terminologia descrita e registrada pela Terminografia”. Tuxi (2017) aponta que o termo se mostra distinto dos elementos lexicais comuns, ou seja, da linguagem comum, pelo fato de ser utilizado no discurso especializado, que representam o conceito da área descrita, além de contribuir para a comunicação clara e eficiente de determinado grupo usuário do léxico de especialidade.

Porém, quando o léxico de uso comum passa a ser utilizado em uma determinada área técnica ou científica, ele passa a ser conceituado de forma diferente pelos falantes dessa área. Em língua de sinais ocorre a diferenciação entre sinal, referente ao léxico comum das línguas de sinais, e sinal-termo, para léxico de especialidade.

O conceito de sinal-termo foi proposto por Faulstich (2012), distinguindo o que seria sinal e sinal-termo, uma vez que o primeiro designa apenas o léxico de uso comum da comunidade surda. Já sinal-termo é utilizado quando o sinal, que pode fazer parte do vocabulário comum, é adotado em alguma área de especialidade, ou quando se cria uma unidade terminológica que atenda aos aspectos conceituais do termo pertencente a essa área.

A criação de unidades lexicais sinalizadas tanto no âmbito da língua comum como nas linguagens de especialidade possui poucos estudos publicados, o que indica que novos trabalhos podem vir a ser desenvolvidos nas áreas da Lexicologia e Terminologia. Elenca-se aqui algumas pesquisas desenvolvidas, como os trabalhos de Tuxi (2017), Felten (2016), Nascimento (2016), Faria-Nascimento (2016), Messias Costa (2012).

Os trabalhos citados no parágrafo anterior são importantes para compreensão acerca da construção de novas unidades lexicais sinalizadas nas áreas de especialidade, bem como a análise e descrição delas. Logo, faz-se necessária a explicação sobre os processos morfológicos da constituição dos sinais a partir da derivação, composição e iconicidade.

4.2.1 Derivação

Assim como no Português, a Língua de Sinais Brasileira utiliza-se de funções morfológicas para alterar a classe gramatical de determinados sinais, a exemplo disso termos verbos que passam pelo processo de nominalização para se derivar em substantivos. Segundo QUADROS & KARNOPP (2004):

Um tipo de processo morfológico bastante comum na Língua de Sinais Brasileira é aquele que deriva nomes de verbos (ou vice-versa). O português pode formar nomes de verbos pela adição de um sufixo, por exemplo, *programar* – *programador* ou pela mudança de acento (*fabrica*- *fábrica*) (Ibid., p. 97).

As autoras seguem a conceitualização apresentada por Supalla & Newport (1978), aplicada a ASL, onde a derivação acontece por meio de um dos parâmetros primários, que é o movimento (M). Na Língua de Sinais Brasileira, este parâmetro fonomorfológico pode encurtar ou repetir o movimento de nomes e verbos.

Figura 3:Sinal de OUVIR e OUVINTE



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 53

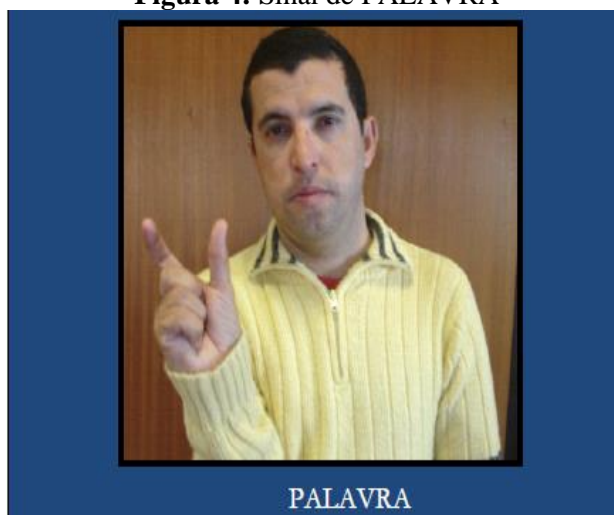
Nota-se que, nas figuras apresentadas, os sinais correspondem às palavras “*ouvir*” e “*ouvinTE*”, onde ambos os sinais possuem a mesma configuração de mão (CM) e o mesmo ponto de articulação, o traço fonomorfológico que os distingue é o parâmetro movimento (M), onde o sinal *ouvir* realizará um único movimento simples,

ou seja, abrir e fechar a mão, enquanto que o sinal de *ouvinte* o movimento se repete, é duplicado.

O processo de repetição que acontece em ambos os sinais é denominado pelas autoras de reduplicação. Semelhante à nominalização no Português, na Língua de Sinais Brasileira repete-se o morfema base (verbo) e tem-se como resultado um (nome). “O processo de adicionar morfemas a uma forma base é uma um dos meios utilizados para criação de unidades lexicais”. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 101).

Faria-Nascimento (2009) corrobora a afirmação de Quadros & Karnopp (2004), quando a primeira autora diz que as unidades lexicais da LSB sofrem o processo de derivação, no qual há acréscimos de sufixos, onde a nova unidade terminológica irá constituir-se a partir de um morfema-base, ou seja, a unidade lexical simples. Por exemplo, o sinal-termo para *morfologia* se constituiu a partir do morfema-base *palavra*.

Figura 4: Sinal de PALAVRA



FONTE: FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 270

Figura 5: Sinal-termo de MORFOLOGIA



FONTE: Ibid., p. 273

Para Tuxi (2017), “o processo de criação de novas unidades lexicais ocorre por meio de uma raiz, ou seja, um morfema base, onde essa ULs será constituída por derivação e ambas as unidades simples ou terminológicas pertencem ao mesmo campo semântico e partilham do mesmo campo conceitual”. (TUXI, 2017, p. 55).

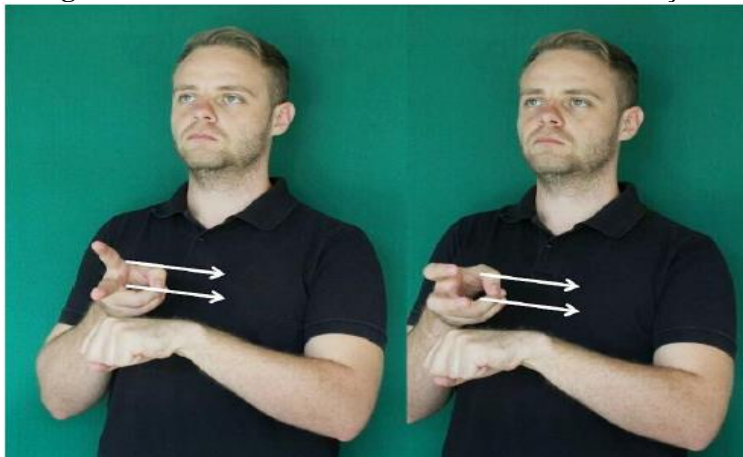
Outros exemplos de criação de unidades lexicais por derivação são apresentados por Felten (2016) em sua dissertação de mestrado. No trabalho o autor propõe a criação dos seguintes sinais-termo: colônia de exploração, colônia de povoamento, conquista e ocupação, todos os sinais propostos derivam do sinal de colônia. Estas unidades terminológicas sinalizadas fazem parte do glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil. Sinais-termo: Colônia (figura 6), Colônia de exploração (figura 7).

Figura 6: Sinal-termo de COLÔNIA



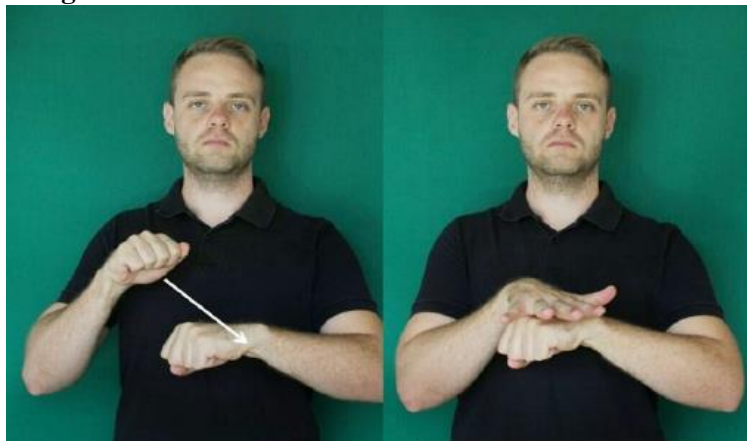
Fonte: FELTEN, 2016, p. 103.

Figura 7: Sinal-termo de COLÔNIA DE EXPLORAÇÃO



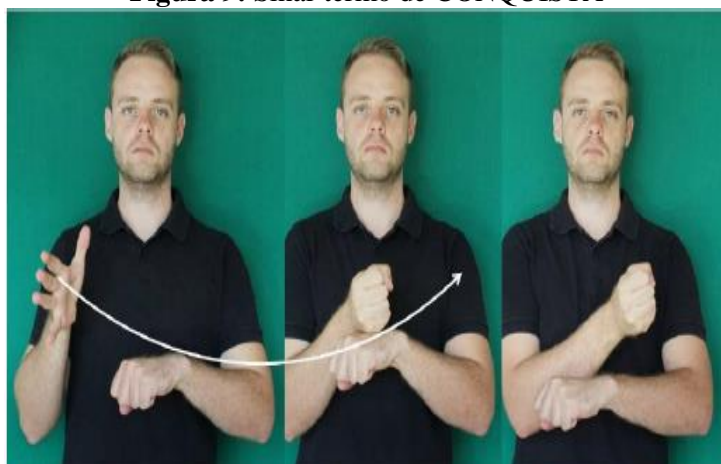
Fonte: Ibid., p. 103.

Figura 8: Sinal-termo de COLÔNIA DE POVOAMENTO



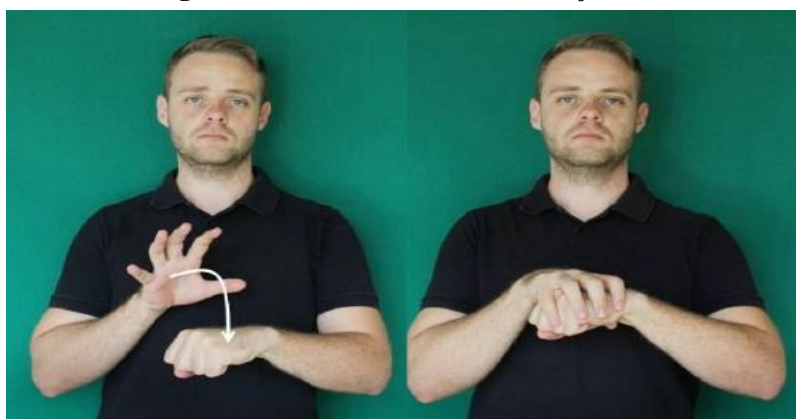
Fonte: Ibid., p.104

Figura 9: Sinal-termo de CONQUISTA



Fonte: Ibid., p.10

Figura 10: Sinal-termo de OCUPAÇÃO



Fonte: Ibid., p. 104

4.2.2. Processo de Composição

Entende-se por processo de composição a criação de novas palavras por meio de vocábulos distintos. Estas novas unidades lexicais formadas possuem bases semânticas

distintas, ou seja, independentes. Para Quadros & Karnopp (2004) “o distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes é normal nas formas compostas pela própria nomeação”. Exemplos: trem-de-ferro, aguardente, sofá-cama, papel-alumínio.

Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical. Não é por acaso que as formas compostas são frequentemente desligadas do significado restrito de seus componentes (Ibid., p. 102).

Nas línguas de sinais ocorre o processo de composição para criar novas unidades lexicais.

SCOTT LIDDEL (1984) desenvolveu estudos sobre os compostos da ASL. Ele observou que dois sinais formam um sinal composto quando mudanças predicáveis ocorrem como o resultado de aplicação de regras, da mesma forma como acontece com palavras da língua inglesa (SCOTT LIDDEL, 1984 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 103).

No que diz respeito à morfologia da Língua de Sinais Brasileira, o processo de composição para criar unidades lexicais com campos semânticos distintos ocorrerá por meio de: i) regra de contato; ii) regra de sequência única; iii) regra de antecipação da mão não-dominante. (Ibid., p. 103).

- I. *Regra de contato*: o contato pode ocorrer no corpo ou na mão passiva. Nesses casos, o primeiro, o segundo ou o único contato deve ser sustentado até a conclusão da realização do sinal. Isso significa que, se dois sinais transcorrem ao mesmo tempo para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, este tende a permanecer. Pode também acontecer de o primeiro sinal não apresentar contato, mas o segundo sim – neste exemplo, o toque permanece na composição. (TUXI, 2017, p.55).
- II. *Regra de sequência única*: quando o sinal composto apresenta um movimento ou repetição, este movimento ou repetição é excluído. Exemplos disso são os sinais PAI e MÃE (sinal variante do Rio Grande do Sul). Como se vê pela seta, o movimento é repetido (para frente e para trás). Ao formar uma nova unidade lexical composta, no caso PAIS, os movimentos são apagados e sinal é executado em sequência. (Ibid., p. 57).
- III. *Regra de antecipação da mão não-dominante*: quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente a mão passiva do sinalizador antecipa o movimento, que dizer, já fica evidente no sinal, quando configurado pelo sinalizante antes do segundo sinal no processo de composição. (Ibid., p. 57).

Logo, o processo de composição de uma nova unidade lexical diz respeito a um novo significado, não podendo prever o significado desse novo sinal apenas observando as partes distintas que o compõe.

4.2.3. Iconicidade

Tuxi (2017) esclarece em sua tese de doutorado sobre a iconicidade das línguas de sinais quando aborda que, durante anos, a comunicação da comunidade surda baseava-se apenas no uso de gestos e mímicas, onde eram representadas as formas icônicas dos objetos e fatos que circundam o mundo.

Para a autora, a iconicidade faz parte da constituição de qualquer língua, seja de modalidade oral o visual-espacial; porém, nas línguas de sinais, esse processo ocorre com maior frequência devido ao fato de alguns objetos não possuírem correspondente lexical na L1 dos surdos. “A partir do domínio do objeto, ou seja, do conceito que constitui o objeto, essa marca pode vir a se tornar opaca e, com o tempo, arbitrária”. (TUXI, 2017, p. 61).

Faulstich (2007) explica o processo de iconicidade a partir da abstração mental pela cognição.

(...) a iconicidade é um fenômeno que aparece ligado à forma, visto que o movimento que descreve a configuração das mãos é entendido com um indicativo para a realização do sinal, dá a relação entre forma e ícone. O que queremos postular é que a iconicidade em Libras é um fenômeno de cognição, posto que uma palavra em Libras, sob perspectiva do “objeto dinâmico”, é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos (FAULSTICH, 2007, apud TUXI, 2017, p. 155).

Portanto, a iconicidade não se dá apenas pela visualização do objeto e sua forma, existindo também outro componente que ajuda o usuário da língua de sinais a criar uma unidade lexical a partir da abstração mental que se faz do conceito do objeto ou fato que está sendo observado.

Capítulo 5 – Metodologia para a organização dos sinais-termo em par linguístico Português – Libras da exposição Ex África

Nesta seção, será apresentado o percurso metodológico adotado neste trabalho. A presente pesquisa segue a proposta metodológica apresentado por Tuxi (2017), que é baseada em etapas, fases e passos. A primeira etapa tratará da definição do público-alvo e do objetivo da pesquisa. A segunda etapa está dividida em duas fases, que são; i) escolha dos termos que irão compor o glossário bilíngue da exposição Ex África; ii) elaboração das fichas terminológicas de cada termo. A terceira e última etapa do percurso metodológico será destinada à realização do registro e validação dos sinais-termos propostos aqui.

Como explicado anteriormente, o resultado deste trabalho é a apresentação de uma proposta de verbete organizado em glossário bilíngue em língua portuguesa e Língua de Sinais Brasileira para o léxico de especialidade da exposição de arte africana contemporânea intitulada Ex África, que aconteceu no CCBB-DF no ano de 2018. Espera-se que o material desenvolvido sirva de consulta e apoio na formação de tradutores e intérpretes de Libras que atuam em exposições de artes visuais e em instituições culturais; auxilie também mediadores e educadores bilíngues que atuam em espaços culturais; e, por último, sirva para a comunidade surda que visita museus, centros culturais, galerias de arte, ou que tenha interesse por arte e história da arte. Para o consulente surdo, o glossário será importante para ampliação do léxico e de outras terminologias que estão presentes no universo artístico.

5.1. Natureza da pesquisa

A pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa e que possui natureza descritiva. Para Godoy (1995), este tipo de abordagem é descrito da seguinte maneira:

(...) é obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58 apud TUXI, 2017, p. 124).

Por se tratar de uma pesquisa realizada dentro de um centro cultural e com o objetivo de atingir fins que possa trazer benefícios para os visitantes e pessoas que trabalham neste mesmo centro, o trabalho aqui desenvolvido está em consonância com o tipo de abordagem proposto por Godoy (1995). Quanto à natureza descritiva, o que se

propõe é analisar a terminologia tanto da Língua de Sinais Brasileira, quanto da língua portuguesa, propondo assim uma estrutura de glossário que seja utilizado em ambas às línguas e que sirva tanto para o usuário que a tenha como L1 quanto para aquele que a tenha como L2.

5.2. Definição do público-alvo e objetivo

A primeira etapa, denominada de “definição do público-alvo e objetivo”, consiste em realizar o reconhecimento e definição do público que utilizará o glossário aqui proposto. Faulstich (1995) salienta que “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e tipo de obra que será elaborada” (FAULSTICH, 1995, p.35 apud TUXI, 2017, p. 127). Em vista disso, a pesquisa destina-se aos tradutores e intérpretes de Libras, educadores e mediadores bilíngues de instituições culturais e a comunidade surda que visita espaços voltados para a circulação de artes visuais e cultura.

Quanto ao objetivo da pesquisa, este está ligado ao objeto pesquisado, sendo então os termos técnicos da exposição de arte Ex África, com objetivo de criar uma proposta de registro de sinais-termos em LP e LSB da mesma exposição, criando assim um glossário de especialidade. O modelo de glossário proposto aqui segue a proposta de Faulstich (1995), entendido das seguintes maneiras:

- a) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.
- b) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.
- c) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência (FAULSTICH, 1995, p. 16 apud TUXI, 2017, p. 127).

Nesta pesquisa, foi adotado o tipo descrito no item “c”. Propõem-se um glossário com repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática, seguidos de informação gramatical e de contexto de ocorrência. Portanto, constata-se a falta de materiais bilíngues que possam ser utilizados como de pesquisa e formação para a comunidade surda e os profissionais atuantes em espaços culturais. Diante deste problema, o glossário bilíngue proposto, é uma alternativa tecnológica que tenta diminuir o distanciamento acerca da terminologia das artes visuais, história da arte, exposições de arte por parte da comunidade surda.

5.3. Coleta e organização dos termos da exposição Ex África

A segunda etapa está dividida em duas fases; i) escolha dos termos que irão compor o glossário bilíngue da exposição Ex África; ii) elaboração das fichas terminológicas de cada termo. Na primeira fase, foram realizadas reuniões com o grupo de educadores e mediadores do CCBB-DF, a fim de ser feito o levantamento do léxico de especialidade da exposição, ou seja, os termos que apareciam com maior frequência durante as mediações em Libras.

Depois foram feitas pesquisas nos documentos de especialidade, tais como: textos curatoriais, textos sobre arte contemporânea africana e textos utilizados durante o processo de formação para elaboração das mediações, catálogo da própria exposição, dicionários de arte e história da arte. Assim, foi possível fazer o levantamento dos principais verbetes que viriam a compor o glossário.

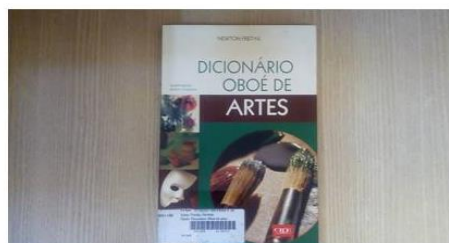
Importante salientar que as reuniões eram feitas no próprio CCBB durante o período de estudo, destinado para os educadores que atuavam diretamente com o público surdo. O grupo era composto por um educador surdo, usuário da LSB como L1 e outros dois educadores ouvintes que possuíam fluência na Língua de Sinais Brasileira. Assim, chegou-se à conclusão de que existia um número significativo de termos que não possuíam equivalência na LSB e que isso dificultava o processo de mediação dentro da exposição, levando esses educadores a fazerem uso do recurso da datilologia sempre que um léxico de especialidade aparecia durante as mediações.

Isso dificultava o processo de fruição tanto para o educador responsável por conduzir a visita mediada quanto para o público surdo que não conhecia os termos que estavam sendo apresentados. Portanto, apenas a datilologia não é um recurso suficiente para apresentação dos termos, levando a um desconforto linguístico para o educador/mediador e para o surdo, daí a importância da elaboração de obras terminográficas bilíngues de exposições de arte no Brasil. Ao fim das reuniões e das mediações, foram anotados os termos que apareciam com maior frequência para então ser feita a seleção daqueles iriam compor o glossário. Os termos selecionados foram os que aparecem no quadro abaixo.

Quadro 2: Termos selecionados para compor o glossário

Verbetes da Exposição Ex África	
Arte	Artista Visual
Curador	Corpos e Retratos
Desenho	Dramas Urbanos
Escultura	Explosões Musicais
Exposição	Ecos da História
Ex África	
Fotografia	
Galeria	
Museu	
Obra	
Performance	
Vídeo Performance	

Fonte: Ferreira, D, 2019.

Figura 11:Dicionários de História da Arte

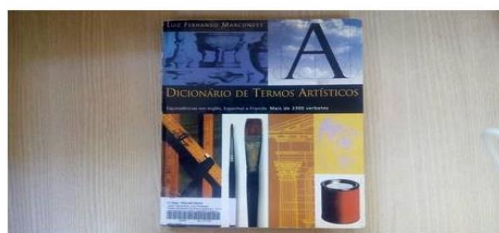
Dicionário Oboé de Artes (Newton Freitas)



Dicionário Oxford de Arte



Catálogo da exposição Ex África



Dicionário de Termos Artísticos (Luiz Fernando Marcondes)

Fonte: Ferreira, D, 2019.

A segunda fase da segunda etapa foi destinada à elaboração das fichas terminológicas de cada termo selecionado para fazer parte do glossário. Segundo Faulstich (1999) “o registro do termo é feito em uma ficha terminológica a qual

funciona como uma certidão de nascimento” (FAULSTICH, 1999, p. 4 apud TUXI, 2017, p. 135). Sendo assim, as fichas terminológicas são importantes para o trabalho do terminólogo na hora de sistematizar cada verbete em sua obra. Esta pesquisa segue o modelo de ficha terminológica – FT proposto por (FAULSTICH, 1995, 2010, 2015 apud TUXI, 2017, p. 135), apresentando alguns campos que são obrigatórios e outros não.

Quadro 3:Ficha Terminológica - Faulstich

FICHA TERMINOLÓGICA Modelo de Faulstich (2010, p. 180-183)	
1. Número	Ordem numérica do registro feito.
2. Entrada	Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo ⁵⁶ propriamente dito, o termo principal.
3. Categoria gramatical	Indicativo da categoria gramatical à qual o termo pertence ou da sua respectiva estruturação sintático-semântica. Pode ser n = nome; s = substantivo; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa ou outra que seja necessária.
4. Gênero	Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, a saber: m = masculino; f = feminino.
5. Variantes (s)	Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas ou variantes terminológicas de registro.
6. Sinônimo (s)	Formas concorrentes no discurso da linguagem de especialidade, cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
7. Área	Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado.
8. Definição	Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
9. Fonte de constituição da definição	Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições. Nesses casos, para evitar repetições desnecessárias, a referência pode aparecer na apresentação da obra.
10. Contexto	O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
11. Fonte do contexto	Registro do autor, obra, data de onde foi extraída a frase contextual. Também é chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos. Neste caso, para evitar repetições desnecessárias, a referência única pode ser informada na apresentação da obra.
12. Remissivas	Sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneira diversa, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e termos conexos.
13. Nota	Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
14. Equivalente	Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. No dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra.
15. Autor	Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
16. Redator	Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
17. Data	Registro do dia, mês e ano em que a ficha foi preenchida/digitada.

Fonte: Faulstich (2010, p. 180-183)

Fonte: FAULSTICH, 2010. P. 180-183

No modelo de FT proposto por Faulstich (2010), nota-se qual procedimento deve ser adotado para o registro do termo, possibilitando a análise da estrutura lexical e gramatical de cada verbete. Por possuir campos que são obrigatórios e outros optativos, apresentamos um modelo de ficha que sofreu adaptações necessárias para melhor atender às necessidades da presente pesquisa.

Quadro 4: Ficha terminológica adaptada

Ficha Terminológica Glossário bilíngue Português – Libras de termos da Exposição Ex África (01)	
1.Entrada	
2.Categoria Gramatical	
3.Gênero	
4.Definição	
5.Fonte da Definição	
6. Contexto	
7.Fonte do Contexto	
8.Nota	
9. Fonte da Nota	

Fonte: Ferreira,D, 2019.

A ficha deve conter o nome do glossário, que nesta pesquisa é intitulado de “Glossário Bilíngue Português – Libras de termos da exposição Ex África”. Em seguida, tem-se o número de ordem para o registro. No primeiro item um, a entrada registra o termo que será descrito na FT. No item dois, categoria gramatical, respeitando a estrutura morfológica do verbete, deve ser registrado como substantivo ou verbo.

No item três, gênero, o verbete deve estar no masculino ou feminino. Para Tuxi (2017) “a opção de delimitar o gênero foi uma forma de apoiar o registro em língua portuguesa para o consulente surdo”. Isso ajuda na compreensão do sujeito surdo, que em sua maioria tem o português como segunda língua, possibilitando a compreensão da marca de gênero presente no português escrito.

Ainda nesta seção, será apresentada a busca feita para a construção do item quatro, definição. Foram realizadas pesquisas em dicionários de artes e história da arte,

sites na internet, dicionários de língua portuguesa, textos curatoriais da própria exposição e no catálogo para que as definições fossem construídas. Nos documentos selecionados, foram encontradas informações relevantes para a composição dos conceitos, sendo que muitos deles estão no campo semântico da história da arte, artes visuais e história africana.

No campo “fonte da definição” são delimitadas as fontes utilizadas na construção da definição, ou seja, os documentos citados no parágrafo anterior. No sexto item, intitulado de contexto, apresenta-se o contexto de uso do termo, elucidando a pragmática, quando empregado na comunicação dos discursos de especialidade. Na FT há campo destinado à fonte do contexto. Os dois últimos campos são referentes à nota e à fonte do termo; como são campos optativos, fica a cargo do elaborador da obra terminográfica preenchê-las ou não. Com a conclusão das fichas terminológicas, será realizada a última etapa do percurso metodológico adotado na pesquisa.

5.4. Registro e validação dos sinais-termo do glossário bilíngue Português – Libras da exposição Ex África

Devido à falta de sinais-termo equivalentes em Língua de Sinais Brasileira de termos em português presentes na exposição, foi necessário criar propostas de unidades terminológicas sinalizadas. Os sinais-termo propostos foram concebidos pelo educador surdo Maycon, que compõem o grupo de profissionais atuantes no programa educativo do CCBB-DF. Maycon, junto de outros dois educadores fluentes em LSB, eram responsáveis por realizar as visitas mediadas em Libras.

O educador possui conhecimento sobre a temática da exposição e de história da arte, bem como da terminologia da Língua de Sinais Brasileira, sendo que essa é sua L1. Após a criação de cada unidade terminológica sinalizada, foram feitos os seus registros. Esse trabalho foi feito pela educadora Jennyfer, outra profissional atuante no CCBB-DF e fluente em Libras. Além do registro dos sinais-terminos, ela aparece nos vídeos que trazem as definições de cada unidade terminológica sinalizada.

Feitos os registros dos sinais-termo, eles foram validados por outros educadores surdos que atuam em outros CCBBs, situados em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. A validação foi realizada por eles por conta da afinidade com o campo das artes visuais, por trabalharem no CCBB e pelo fato de que a exposição ainda passaria pelos outros Centros Culturais Banco do Brasil. Sendo assim, eles já estariam familiarizados com a nova terminologia proposta, não necessitando a criação de outros sinais-termo,

quando a exposição passasse por cada estado e não gerando um tipo de variação desnecessária.

CAPÍTULO 6- Apresentação do glossário bilíngue Português – Libras da Exposição Ex África

Neste capítulo, será apresentada a estrutura do glossário bilíngue português – Libras da exposição Ex África. Os elementos terminográficos de cada verbete aparecerão em língua portuguesa, enquanto os sinais-termos e as definições estarão presentes na obra em Língua de Sinais Brasileira.

6.1. Apresentação dos elementos terminográficos em LP

O glossário bilíngue Português – Libras da exposição Ex África é resultado do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira, Português como Segunda Língua (LSB/PSL), apresentando no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa foi desenvolvida no grupo de pesquisa Tecnologias e Linguagens, do qual o pesquisador Douglas Ferreira faz parte, sob a orientação da coordenadora Prof^a. Dr.^a Patricia Tuxi.

O resultado desta pesquisa foi a elaboração de uma obra terminográfica bilíngue, que considerou a terminologia presente na exposição Ex África, apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), sob o ponto de vista linguístico e informacional e também sob a perspectiva da educação bilíngue informal de conteúdos relacionados a artes visuais e história da arte que estão presentes em várias instituições culturais.

A obra terminográfica proposta traz o uso do recurso tecnológico do QR Code como uma possibilidade de acesso, que, por ser facilmente encontrada, pode ser utilizada por meio de qualquer aparelho celular com câmera, ampliando o acesso àqueles que tenham interesse no glossário proposto. A elaboração de obras terminográficas é importante para ampliação do vocabulário da comunidade surda, tanto no que tange ao léxico comumente usados no dia-a-dia, como no discurso de especialidade voltado para o campo cultural e artístico. Segundo Felten (2016), a elaboração de obras terminográficas é importante, pois:

(...) fornece informações para a amplificação das atividades à sociedade de forma prática, a obter esclarecimento sobre a linguagem por meio de termos utilizados em áreas específicas ou do conhecimento científico (FELTEN, 2016, p. 119).

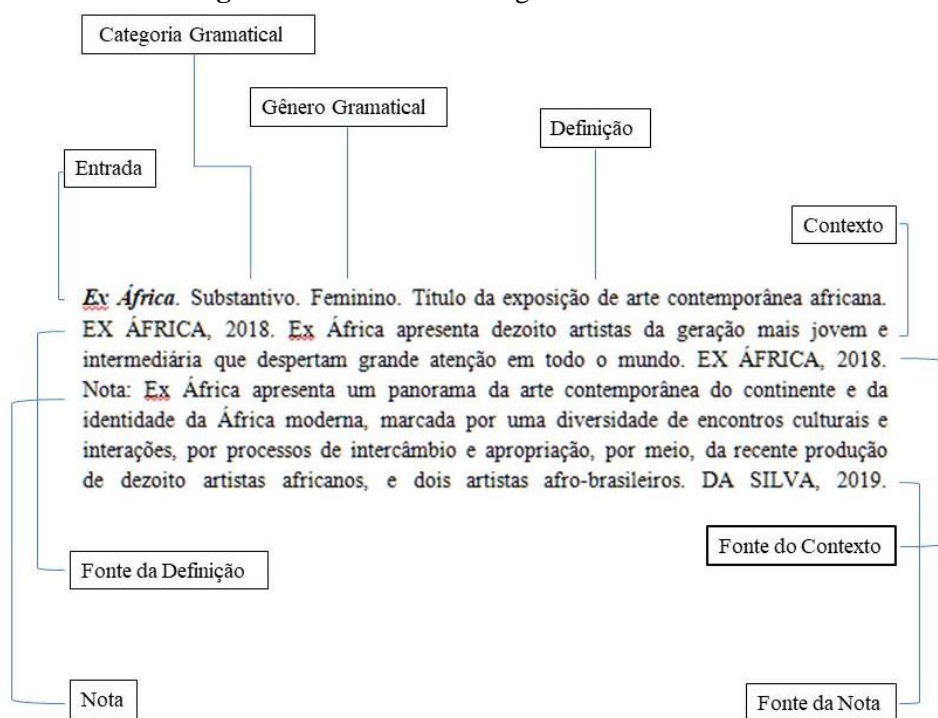
Portanto, os termos estão organizados no glossário em ordem alfabética, seguindo a estrutura da ficha terminológica proposta por Faulstich (2010), com os

respectivos campos obrigatórios e optativos na apresentação de cada verbete, conforme a seguinte estrutura da FT:

entrada + categoria gramatical + gênero + definição+ fonte da def. + contexto + fonte do contexto ± nota ± fonte da nota ± sinônimo ± área ± remissiva ± equivalente ± autor ± redator ± data.

Os elementos da ficha terminológica marcados com “+” são definidos como de preenchimento obrigatório, sendo elementos básicos que ajudam na composição do termo. Os que aparecem “±” são optativos, podendo ou não aparecer no verbete, isso depende do objetivo do elaborador da obra. Abaixo, temos um dos verbetes que faz parte do glossário bilíngue Português- Libras da Exposição Ex África.

Figura 12: Ficha terminológica do termo Ex África



Fonte: Ferreira,D, 2019.

Figura 13: Verbetes Ex África

Ex África. Substantivo. Feminino. Título da exposição de arte contemporânea africana. EX ÁFRICA, 2018. Ex África apresenta dezoito artistas da geração mais jovem e intermediária que despertam grande atenção em todo o mundo. EX ÁFRICA, 2018. Nota: Ex África apresenta um panorama da arte contemporânea do continente e da identidade da África moderna, marcada por uma diversidade de encontros culturais e interações, por processos de intercâmbio e apropriação, por meio, da recente produção de dezoito artistas africanos, e dois artistas afro-brasileiros. DA SILVA, 2019.

Fonte: Ferreira,D, 2019.

6.2. Apresentação do verbete em Língua de Sinais Brasileira

Nesta seção, será apresentado um dos termos da exposição Ex África, em Língua de Sinais Brasileira. Esta apresentação é composta por uma estrutura macro, que diz respeito à ordenação do glossário, onde se encontram as informações da obra, tais como: objetivo do glossário. Público-alvo, como utilizar, consulta dos verbetes. Abaixo, temos uma ilustração de como o glossário se encontrará na internet quando disponível para uso.

Figura 14: Apresentação do Glossário Bilíngue Português – Libras de Termos da Exposição Ex África



Fonte: Ferreira,D, 2019.

A macroestrutura é apresentada em língua portuguesa e LSB, o layout irá contar com um vídeo de boas-vindas, sinalizado em Libras, contendo ainda informações gerais para o consulente que utiliza a LSB como L1, bastando apenas clicar em cada um dos hiperlinks que se encontram em formas de barras vermelhas na lateral direita, sendo assim direcionado para uma nova página, com informações em ambas as línguas.

Na aba objetivo geral, é apresentado por meio de texto e vídeo em Libras, com legenda em português o objetivo do glossário bilíngue. Na segunda, nomeada de

público-alvo, apresentamos a quem a obra se destina. A terceira aba, contém explicações de como os verbetes devem ser pesquisados na obra. A quarta e última aba consulta, são apresentados os termos listados em ordem alfabética na LP, quando clicado em cima do termo, uma nova página é gerada, onde o verbete e a sua definição serão apresentados em Língua de Sinais Brasileira. Os outros elementos terminográficos estarão apenas em língua portuguesa. Todos os vídeos apresentaram legendas em português para atender as duas línguas envolvidas na obra.

6.3. A microestrutura do glossário

A microestrutura do glossário apresenta informações gramaticais dos verbetes presentes na obra. Quando clicado no termo, dentro da aba consulta, o consulente será direcionado para outra página. Nesta o verbete será apresentado acompanhado do seu equivalente em LSB, no caso o sinal-termo, e a definição do termo em português e Língua de Sinais Brasileira.

Devido ao tempo para realizar a pesquisa, não foi possível gravar todos os elementos gramaticais em vídeos por meio da LSB, tais como: gênero, contexto, nota etc. Foi priorizado o registro em vídeo do sinal-termo, acompanhado da sua definição. As outras informações gramaticais estão em língua portuguesa.

Figura 15: Macroestrutura do glossário apresentada em LP e LSB

O diagrama de fluxo detalha a estrutura do verbete em português e LSB:

- Entrada** (em português) aponta para **Categoria Gramatical** e **Gênero Gramatical**.
- Definição** (em português) aponta para **Conteúdo**.
- Fonte da Definição** (em português) aponta para **Definição**.
- Nota** (em português) aponta para **Definição**.
- Fonte da Nota** (em português) aponta para **Nota**.
- Fonte do Conteúdo** (em português) aponta para **Conteúdo**.
- Fonte da Nota** (em português) aponta para **Nota**.

Exemplos de conteúdo em português:

Ex África. Substantivo. Feminino. Título da exposição de arte contemporânea africana. EX AFRICA, 2018. Ex África apresenta dezotto artistas da geração mais jovem e intermediária que despertam grande atenção em todo o mundo. EX AFRICA, 2018.

Nota: Ex África apresenta um panorama da arte contemporânea do continente e da identidade da África moderna, marcada por uma diversidade de encontros culturais e interações, por processos de intercâmbio e apropriação, por meio, da recente produção de dezotto artistas africanos, e dois artistas afro-brasileiros. DA SILVA, 2019.

A construção do glossário bilíngue Português – Libras de termos da Exposição Ex África continua em andamento, para que se possa aperfeiçoá-lo. Ademais, novos termos farão parte do trabalho futuramente. Para consulta no glossário, o consulente poderá buscar os verbetes em português, que estarão organizados em ordem alfabética. Um dos aperfeiçoamentos que se pretende fazer na obra é a busca pela configuração de mão, onde ela é apresentada pela mão dominante, como são o caso de outras obras bilíngues, a exemplo das elaboradas por Felten (2016) e Tuxi (2017). Neste capítulo, apresentou-se o glossário bilíngue da exposição Ex África, a partir da sua macro e microestrutura, a fim de contextualizar o usuário da obra sobre os aspectos gerais e de consulta do glossário.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi a criação de um glossário bilíngue Português - LP e Língua de Sinais Brasileira - LSB dos termos que compõem a linguagem de especialidade da exposição Ex África. A partir dos termos em português, foram propostos e registrados sinais-termo que fossem equivalentes em LSB e que atendessem as especificidades linguísticas de uma língua visu-espacial.

O glossário desenvolvido está organizado em ordem alfabética, contendo informações gramaticais de uso e contexto para cada terminologia presente, ou seja, para os termos e sinais-termo em português e LSB. Este material foi pensando desta maneira para atender as necessidades dos seus usuários, tanto o sujeito surdo que tenha a Libras como L1 e o português como L2, como também para os ouvintes que utilizam a Libras como L2, tendo como público-alvo pessoas surdas, mediadores e educadores bilíngues que atuam em instituições culturais, tradutores e intérpretes de Libras, e outras pessoas que possam ter interesse em artes visuais e Libras.

O material desenvolvido será disponibilizado em página eletrônica, com a finalidade de que novos sinais-termo possam vir a compor o glossário, ampliando as possibilidades terminológicas da história da arte e artes visuais que se interseccionam com a Língua de Sinais Brasileira, na garantia pelo conhecimento por parte da comunidade surda sobre a Terminologia presente em mostras de artes e que seja acessível em sua L1, no caso a LSB.

Atualmente o glossário está disponível apenas na plataforma Youtube, pois ela é de fácil acesso e interação. Foi criado também um QR Code de acesso ao canal do Youtube onde os vídeos estão disponíveis, uma vez que esta é uma tecnologia acessível e que direciona o usuário até o glossário aqui proposto, bastando ter um aparelho telefônico com câmera conectado à internet.

A metodologia utilizada para a elaboração do glossário é a proposta por Tuxi (2017), baseada em “etapas, fases e passos”. Em língua portuguesa foram realizadas buscas pelos termos mais recorrentes dentro dos textos de especialidade da exposição Ex África e daqueles mais relevantes para as artes visuais e história da arte. Feita à seleção dos termos em LP, foram construídas as definições de cada termo, para então dar início ao processo de organização, registro e validação dos seus equivalentes em LSB, no caso os sinais-termos que fazem parte do glossário bilíngue português e Língua de Sinais Brasileira da exposição Ex África.

Durante a pesquisa, também foram utilizados outros recursos tecnológicos, como vídeos, para que o glossário proposto fosse realmente acessível e bilíngue, uma vez que a maior parte dos dicionários voltados para o consulente surdo apresenta apenas suas informações em língua portuguesa. O referido glossário facilita o entendimento acerca do léxico dentro de um subcódigo maior e menor, no caso língua comum “léxico e sinal” e linguagem de especialidade “termo e sinal-termo”.

Esse tipo de recurso é importante, pois auxilia na maneira como a língua é acessada. Em LSB, a compreensão daquilo que está sendo passado se dá por meio do canal visu-espacial, por isso, o vídeo é importante na visualidade, diferente dos textos escritos como é recorrente nas línguas orais. Portanto, esta pesquisa contribuiu para os estudos da Lexicologia e Terminologia dentro de uma perspectiva bilíngue, em especial na elaboração de materiais como dicionários e glossários voltados para o campo das artes.

Nesse sentido, o glossário pode ser utilizado como material de consulta para pessoas surdas que acessam ou buscam acessar instituições culturais como museus, centros culturais e galerias de arte e que não encontram acessibilidade linguística e informacional adequada. Afinal, pensar acessibilidade é uma tarefa de todos e não apenas daqueles que dela necessitam.

Esta pesquisa buscou alcançar uma acessibilidade atitudinal, que alcance todos e possa ajudar no conhecimento de linguagens de especialidade que ainda são desconhecidas por alguns por conta das barreiras linguísticas presentes no cotidiano da comunidade surda, mas que possa ajudar na fruição, pertencimento e conhecimento de todos aqueles que desejem estar presentes nos mais diversos espaços, sejam eles culturais ou não, utilizando a língua que lhes for confortável.

Referências

ALLBRES, N. D. A. **Ensino de Libras: Aspectos Históricos e Sociais para a Formação Didática de Professores**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

_____. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001a.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001b.

CHALHUB, Tania. **Acessibilidade a Museus Brasileiros: Reflexões Sobre a Inclusão de Surdos**. Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciências da Informação, São Paulo, v. 7, n. 2, 2014.

CHALHUB, Tânia; BENCHIMOL, Alegria; ROCHA. **Acessibilidade e Inclusão: A Informação em Museus para os Surdos**. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2015.

CHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de Artes**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COHEN, Regina; DUARTE, C. R. D. S. **Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”**: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. Revista Benjamin Constant, Brasil, v. 3, n. 1, 2013.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus: Cadernos Museológicos**. Volume 2. 1. ed. Brasília: Ibram, 2012.

CONSTÂNCIO, R. D. F. J. *et al.* **Glossário de Libras: caminhos para construção de instrumento de coleta de dados**. Revista EaD & Tecnologia Digitais na Educação, Dourados-MS, v. 4, n. 5, 2016.

FAULSTICH, Enilde; ABREU, S. P. D. **Lingüística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia**: Cooperação Internacional: Brasil e Canadá. 1. ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS, 2013.

FREITAS, Newton. **Dicionário Oboé de Artes**. 1. ed. Ceará: UFC, 2004.

FELTEN, Felipe. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2016.

FELTEN, Felipe; TUXI, Patrícia. **Terminologia, Terminografia e Línguas de Sinais: novos rumos linguísticos**. Coralina, Cidade do Goiás, v. 1, n. 1, fev./2019.

FERNANDES, Marcondes Luiz; **Dicionário de Termos Artísticos**. 1. ed. São Paulo: Pinakotheke, 1998.

FRATA, D. *et al.* **A Libras como meio de acessibilidade e inclusão para sujeito surdo**. Revista Farol, Rondônia, v. 5, n. 5, 2017.

HUNG, Alfons. **Ex África**. Catálogo de Exposição. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 2018.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e Preconceitos em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

GOMES, Bianca Antônio. **Pesquisa e desenvolvimento de Glossário de sinais em libras para termos técnicos das áreas de Fotografia, Animação e Design Gráfico**. Revista Nuevas Ideas en Informática Educativa, Chile, v. 14, 2018.

MIRANDA, Viviane Marques; RESENDE, Dario Leite. **Acessibilidade Linguística na Educação de Jovens e Adultos Surdos: Um Relato de Experiência**. Revista dos Estudantes de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, v. 1, n. 22, 2018.

MOREIRA, B. E. D. C. **Sobre a definição terminológica**. Caligrama: Belo Horizonte, 2016.

NASCIMENTO, Cristiane. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2016.

NASCIMENTO, Faria. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2009.

PAIVA, V. L. M. D. O. E. **Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PAVEL, S; NOLET, D. **Manual de Terminologia: Tradução para o Português de Enilde Faulstich**. Canadá, 2002.

PIRES, Maia. **Brasília em Termos: Um Estudo Lexical do Plano Piloto**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2009.

PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos; TUXI, Patricia. **Sinal-Termo, Língua de Sinais e Glossário Bilíngue: Atuação da Universidade de Brasília nas Pesquisas Terminológicas**. I Congresso Nacional de Libras da Universidade Federal de Uberlândia, Universidade de Uberlândia, 2015.

PROMETI, Daniela; JÚNIOR, Castro. **Acessibilidade Linguística e Cultural na Educação de Surdos: a Libras como estratégia didática no ensino/pesquisa/extensão**. Revista Ecos, UNEMAT, v. 16, n. 1, 2018.

QUADROS, R. M. D. **Linguística para o Ensino Superior: LIBRAS**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. D; KARNOPP, L B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009.

SARRAF, Viviane Panelli; **A comunicação dos Sentidos nos Espaços Culturais Brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para pessoas surdas**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). PUC-SP, 2013.

SARRAF, Viviane Panelli; **Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). USP, 2008.

SOUZA, M. S. D. *et al.* **Acessibilidade e Inclusão Informacional**. Informação & Informação, Londrina, v. 1, n. 1, 16 f, abr./2013.

TORRES, J. G. V. **O Direito Cultural da Pessoa com Deficiência: TCC** (Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação). USP, 2012.

TUXI, Patrícia. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2017.